

# Psicologia das massas e liderança carismática: identificação, ideal do eu e a renúncia à singularidade em grupos de adesão total

*Group psychology and charismatic leadership: identification, ego ideal and the surrender of singularity in groups of total adherence*

Lia Malusá Penteado

Psicanalista clínica, Brasil.

PUBLICADO 20 DEZ 2024

Os registros de tramitação editorial dos volumes 1 a 3 estão incompletos em razão de mudança na direção da revista. As datas de recebimento, revisão e aceite deste artigo não puderam ser recuperadas e, por isso, não são informadas.

## RESUMO

Este artigo examina, a partir de *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), os mecanismos psíquicos que sustentam a coesão de grupos organizados em torno de uma figura de liderança carismática e a correlata redução da capacidade crítica individual. Reconstitui-se a formulação freudiana em seus próprios termos — a substituição do ideal do eu pelo objeto comum, a identificação recíproca daí decorrente e a economia libidinal que torna o laço interno indissociável da hostilidade ao exterior — situando-a em relação à descrição da multidão em Le Bon e à análise de Adorno sobre o uso deliberado desses mecanismos pela propaganda autoritária. Propõe-se em seguida a noção de *grupo de adesão total* como construção conceitual que permite descrever, sem imputação a organizações determinadas, a configuração em que o vínculo grupal se torna exclusivo e irreversível. Discute-se, por fim, o contraste entre essa configuração e modelos contemporâneos de liderança comunitária oriundos do campo da comunicação, argumentando que a diferença decisiva não está na intensidade do vínculo, mas na reversibilidade da saída e na preservação do juízo próprio.

**Palavras-chave:** psicologia das massas; identificação; ideal do eu; liderança carismática; Freud.

## ABSTRACT

Drawing on *Group Psychology and the Analysis of the Ego* (1921), this article examines the psychic mechanisms that sustain the cohesion of groups organised around a charismatic leadership figure, and the correlated reduction of individual critical capacity. The Freudian formulation is reconstituted in its own terms — the substitution of the ego ideal by a common object, the reciprocal identification that follows from it, and the libidinal economy rendering the internal bond inseparable from hostility towards the outside — and situated in relation to Le Bon's description of the crowd and to Adorno's analysis of the deliberate use of these mechanisms by authoritarian propaganda. The notion of the *group of total adherence* is then proposed as a conceptual construction allowing description, without imputation to determinate organisations, of the configuration in which the group bond becomes exclusive and irreversible. Finally, the contrast between this configuration and contemporary models of community leadership drawn from the field of communication is discussed, arguing that the decisive difference lies not in the intensity of the bond but in the reversibility of exit and the preservation of individual judgement.

**Keywords:** group psychology; identification; ego ideal; charismatic leadership; Freud.

## 1 Introdução

A frase que abre *Psicologia das massas e análise do eu* desfaz, de saída, a oposição que o título poderia sugerir. Para Freud (1996c), a psicologia individual é desde sempre psicologia social, porque o outro comparece na vida

psíquica do sujeito como modelo, objeto, auxiliar ou adversário desde o primeiro momento. Não há, nessa perspectiva, um psiquismo solitário que depois se socialize: a constituição do eu já é operação realizada com materiais alheios. Disso decorre que o estudo dos fenômenos coletivos não exige princípio explicativo suplementar — exige, antes, que se examine o que ocorre com os laços libidinais quando o número aumenta e quando uma figura comum passa a ocupar, para muitos sujeitos simultaneamente, uma posição que cada um deles ocupava sozinho.

O texto de 1921 foi escrito num intervalo preciso. Três anos antes terminara a Primeira Guerra, cujo saldo clínico — as neuroses traumáticas — obrigara Freud a reconsiderar a teoria das pulsões em *Além do princípio do prazer* (1996b). A pergunta que atravessa o período é menos técnica do que histórica: o que torna possível que sujeitos capazes de juízo moral individual pratiquem coletivamente o que isoladamente recusariam. O recurso aos fenômenos de massa não é, portanto, digressão sociológica numa obra clínica; é tentativa de responder, com os conceitos disponíveis, a uma questão imposta pelos acontecimentos.

Este artigo retoma essa investigação com um recorte determinado. Interessa aqui o caso em que o laço grupal se organiza em torno de uma figura de liderança cuja autoridade não se funda em competência verificável nem em mandato revogável, mas em atributo percebido como pessoal e incomparável — o que a sociologia das religiões designou como carisma. Interessa, mais especificamente, a configuração em que esse laço se torna exclusivo, absorvendo as demais pertencas do sujeito, e irreversível, no sentido de que a saída passa a ter custo proibitivo. Essa configuração será designada, ao longo do texto, como *grupo de adesão total*.

Duas delimitações são necessárias desde já, e ambas têm consequência sobre o modo de exposição adotado.

A primeira é conceitual e jurídica. Termos como *seita* e *culto* carregam, no uso corrente, função desqualificadora: raramente designam uma estrutura e quase sempre designam a religião do outro. Aplicá-los a comunidades de fé determinadas é operação que a pesquisa não pode realizar, tanto por imprecisão descritiva quanto por equivaler a imputação lesiva a coletividades e a pessoas identificáveis. Este artigo trabalha, por isso, com um tipo ideal construído conceitualmente e, quando recorre a casos, limita-se a episódios encerrados cuja materialidade foi estabelecida em processo judicial e cujos responsáveis estão mortos. Nenhuma organização em atividade é aqui caracterizada

como grupo de adesão total, e nenhuma conduta ilícita é atribuída a pessoa viva.

A segunda é de finalidade. Descrever os mecanismos que produzem adesão acrítica é empreendimento com face dupla: o mesmo conhecimento que permite reconhecer e resistir pode, em princípio, orientar a produção deliberada do fenômeno. A exposição que segue mantém-se, por isso, no registro da análise estrutural e dos indicadores de reconhecimento, sem descer ao detalhe operacional das técnicas. O artigo descreve e critica o mecanismo; não ensina a operá-lo.

## 2 Método

Trata-se de revisão narrativa de literatura, de natureza teórico-conceitual, sem produção de dados primários e sem pretensão de exaustividade bibliográfica.

O corpus primário é constituído pelos textos freudianos em que a questão do laço coletivo recebe tratamento sistemático: *Totem e tabu* (1996a), *Psicologia das massas e análise do eu* (1996c), *O futuro de uma ilusão* (1996d) e *O mal-estar na civilização* (1996e). A esses se acrescenta *Além do princípio do prazer* (1996b), pela reformulação pulsional que condiciona a leitura de 1921.

O corpus secundário reúne três conjuntos: a tradição anterior com a qual o texto de 1921 dialoga, representada pela descrição da multidão em Le Bon (2008); a recepção crítica da teoria freudiana da massa, com destaque para Adorno (2015), Enriquez (1990) e Arendt (1989); e literatura revisada por pares ou publicada por editora universitária sobre pertencimento e sobre grupos de controle elevado — Baumeister e Leary (1995), Lifton (1989) e Galanter (1999).

O critério de inclusão exigiu que a obra fosse referência estabelecida no campo, acessível em edição verificável, e que tratasse do fenômeno em termos conceituais ou empíricos, não meramente denunciatórios. O critério de exclusão descartou material jornalístico, obras de divulgação sem aparato e produção audiovisual de entretenimento. Esta última merece registro específico: documentários de plataformas de *streaming* sobre grupos de controle elevado, ainda que por vezes bem apurados, são produtos editoriais submetidos a exigências narrativas e não a revisão por pares, não explicitam critérios de seleção de fontes e não podem sustentar proposição analítica. Quando mencionados neste artigo, o são a título ilustrativo da circulação pública do tema, jamais como evidência.

O procedimento consistiu em três etapas: reconstituição da formulação freudiana sobre identificação e ideal do eu; construção, a partir dela e da literatura secundária, de um quadro descritivo do grupo de adesão total; e confronto desse quadro com o modelo de liderança comunitária proposto por Godin (2013), tomado como contraponto por sua influência sobre a compreensão corrente dos agrupamentos em ambiente digital.

### 3 A necessidade de pertencer e a formação do laço

#### 3.1 O pertencimento como exigência, não como preferência

Qualquer análise dos efeitos deletérios da vida grupal corre o risco de sugerir que a solução estaria na abstenção. A literatura disponível não autoriza essa conclusão. Maslow (1954) situou a necessidade de afeto e pertencimento logo acima das exigências fisiológicas e de segurança, tratando-a como condição para que necessidades de ordem superior sequer se apresentem. A revisão de Baumeister e Leary (1995) foi além e sustentou, com base em evidência convergente de domínios distintos, que a necessidade de pertencimento constitui motivação humana fundamental: sua frustração associa-se de modo consistente a prejuízo cognitivo, afetivo e somático, e sua satisfação não é substituível por outros bens.

O ponto tem consequência analítica direta. Se o pertencimento é exigência e não preferência, a vulnerabilidade à captura grupal não é sinal de fragilidade individual nem de déficit de discernimento: é contrapartida de uma necessidade constitutiva. Explicações que atribuem a adesão a credulidade ou a baixa escolaridade falham por supor que o fenômeno se dirige a uma falha do sujeito, quando se dirige a uma de suas condições. Bauman (2003) observou que a demanda contemporânea por comunidade cresce na razão direta da erosão dos vínculos que antes a supriam sem que fosse preciso pedi-la — o que explica por que ofertas de pertencimento intenso encontram público em contextos de dissolução dos laços tradicionais.

#### 3.2 Da multidão de Le Bon à massa freudiana

Freud (1996c) parte da descrição que Le Bon (2008) propusera da multidão: nela, o indivíduo adquire sentimento de potência irresistível, a responsabilidade pessoal dilui-se no anonimato, o contágio afetivo propaga condutas e a sugestionabilidade se eleva a ponto de aproximar o estado coletivo do hipnótico.

Freud retém a descrição e recusa a explicação. O que Le Bon chama contágio e sugestão são, para ele, nomes de

um processo cuja natureza permanece por determinar: dizer que os indivíduos se influenciam por sugestão reafirma o fenômeno, não o explica. A contribuição propriamente freudiana está em substituir a sugestão pela libido como princípio de coesão. O que mantém a massa unida é da ordem do laço amoroso — não no sentido sexual, mas no sentido ampliado que a teoria da libido confere ao termo. Se os membros renunciam a particularidades e toleram restrições que isoladamente recusariam, é porque algo lhes é dado em troca, e esse algo é afetivo.

#### 3.3 Identificação e substituição do ideal do eu

A formulação central de 1921 articula dois movimentos. O primeiro é a identificação, descrita por Freud como a mais antiga forma de ligação afetiva com um objeto: o eu toma o traço de outro eu como modelo, conformando-se a ele. A identificação é parcial e opera sobre um traço, não sobre a pessoa inteira; é também anterior à escolha de objeto propriamente dita, e pode substituí-la.

O segundo movimento é a substituição do ideal do eu. A instância que no sujeito exerce as funções de observação, exigência e julgamento — aquela que mede o eu atual contra o eu desejado e produz, pela distância entre ambos, o sentimento de culpa — pode ser deslocada para fora e encontrada em uma figura externa. Quando um mesmo objeto ocupa essa posição para muitos sujeitos simultaneamente, produz-se a estrutura que Freud identifica como própria da massa primária: os indivíduos colocaram um único objeto no lugar de seu ideal do eu e, em consequência disso, identificaram-se uns com os outros em seu eu.

A ordem importa. A identificação horizontal entre os membros não é causa da coesão, mas efeito da relação vertical comum. É por compartilharem a mesma figura na posição de ideal que os membros se reconhecem como semelhantes — o que explica a intensidade do laço lateral e sua dependência da permanência da figura central. Explica também por que a desidealização do líder costuma dissolver o grupo com rapidez desproporcional à sua aparente solidez.

Dessa estrutura decorre o efeito mais consequente. A instância crítica não é suprimida: é transferida. Deixa de operar sobre as proposições e condutas da figura idealizada, que passam a ser recebidas sem o exame a que outras seriam submetidas. Nos termos de Laplanche e Pontalis (2001), a identificação opera aqui não como aquisição de um traço, mas como delegação de uma função. O sujeito não se tornou incapaz de julgar; deixou de julgar naquele ponto — e é essa seletividade que torna o fenômeno com-

patível com a preservação do discernimento nas demais áreas da vida, observação que a literatura clínica registra com regularidade.

#### 4 A economia libidinal do grupo e seus efeitos

##### 4.1 Amor interno, hostilidade externa

Freud (1996c) observa que a coesão interna de um grupo e sua hostilidade ao exterior não são fenômenos independentes que por acaso coincidam, mas faces de uma mesma operação econômica: a libido retirada dos objetos externos não desaparece do circuito pulsional, e a agressividade que o laço interno exige recalcar encontra no exterior seu destino disponível. A tese é retomada em *O mal-estar na civilização* (1996e) como narcisismo das pequenas diferenças: a hostilidade é tanto mais intensa quanto menor a distância real entre os grupos, porque é a proximidade que ameaça a distintividade sobre a qual o laço se sustenta.

A consequência é direta. Um grupo cujo discurso manifesto é o do amor universal pode, sem contradição psíquica alguma, praticar exclusão severa: o amor é dirigido ao interior, e sua condição de possibilidade é a existência de um exterior sobre o qual a agressividade recai. Não se trata de hipocrisia dos membros, mas de propriedade estrutural da economia descrita.

##### 4.2 Regressão, tradição e aversão à novidade

A massa, nota Freud, é conservadora: tem aversão ao novo e apego ao estabelecido, e nisso reproduz traços que

a teoria atribui ao funcionamento psíquico arcaico. Ritos, fórmulas repetidas e narrativas de origem não são ornamentos do laço, mas instrumentos de sua manutenção, porque convertem a adesão em prática cotidiana e tornam o pertencimento reconhecível para dentro e para fora.

Esse ponto permite situar a contribuição de Adorno (2015). Ao analisar a propaganda autoritária, Adorno sustenta que seus operadores não descobriram nada que Freud não houvesse descrito: converteram em técnica administrada aquilo que, em 1921, era análise de um processo espontâneo. A figura carismática da propaganda moderna é, nessa leitura, produto construído — e que a estrutura mobilizada seja arcaica não impede que sua mobilização seja planejada. A observação evita duas simetrias falsas: nem todo grupo coeso é grupo de adesão total, nem toda adesão intensa resulta de manipulação deliberada.

#### 5 O grupo de adesão total como tipo ideal

Reunindo os elementos anteriores e a literatura especializada, é possível construir um quadro descritivo. Lifton (1989), em estudo sobre programas de reforma do pensamento, e Galanter (1999), em sistematização de orientação psiquiátrica, convergem na identificação de dimensões recorrentes. O quadro que segue não constitui instrumento diagnóstico nem se aplica a organizações determinadas: é construção conceitual destinada a tornar discutível uma configuração, distinguindo-a dos grupos religiosos ou políticos comuns e das comunidades de interesse.

| DIMENSÃO                | GRUPO DE PERTENÇA COMUM                     | GRUPO DE ADESÃO TOTAL                         | CORRELATO PSICANALÍTICO                         |
|-------------------------|---------------------------------------------|-----------------------------------------------|-------------------------------------------------|
| <b>Autoridade</b>       | Funcional e revogável; sujeita a instâncias | Pessoal e inquestionável; sem instância acima | Ideal do eu deslocado para figura única         |
| <b>Juízo próprio</b>    | Preservado; divergência é tolerada          | Delegado; a dúvida é lida como falha moral    | Suspensão da função crítica do supereu          |
| <b>Outras pertencas</b> | Coexistem com a pertença ao grupo           | Absorvidas ou desfeitas pelo vínculo          | Retirada libidinal dos objetos externos         |
| <b>Saída</b>            | Reversível, sem perda de laços prévios      | Onerosa; implica ruptura com a rede afetiva   | Agressividade dirigida ao exterior e ao deserto |
| <b>Exterior</b>         | Diferente; interlocutor possível            | Ameaça; fonte de contaminação                 | Narcisismo das pequenas diferenças              |

**Tabela 1** — Quadro conceitual comparativo entre grupo de pertença comum e grupo de adesão total, com os correlatos na teoria freudiana da massa. As colunas centrais descrevem polos de um contínuo, não categorias discretas; a tabela não constitui instrumento de avaliação nem se aplica a organizações determinadas.

Duas observações. A primeira é que o critério decisivo não é a intensidade do vínculo: grupos de pertença comum podem produzir laços intensos e organizar a vida de seus membros sem que nada da coluna central se verifi-

que. O que distingue a configuração é a combinação entre delegação do juízo e irreversibilidade da saída — é a segunda que converte a primeira em aprisionamento, por remover a condição material do arrependimento.

A segunda é que o isolamento tem, nesse arranjo, estatuto de condição e não de consequência. Arendt (1989) observou que a dominação total se torna possível quando o sujeito já não dispõe de pertencas alternativas a partir das quais contrastar o que lhe é proposto — o que coincide com a inferência psicanalítica: a retirada de investimento dos objetos externos não é efeito colateral da intensificação do laço interno, mas sua condição econômica.

Quanto aos casos históricos, a cautela adotada recomenda referência sóbria. Episódios encerrados do século XX — entre eles as mortes coletivas na Guiana em 1978 e o atentado com agente químico no metrô de Tóquio em 1995, cujos responsáveis foram julgados e estão mortos — ofereceram material a investigações posteriores e são hoje retomados pela produção documental de entretenimento. Seu valor analítico é, contudo, limitado pela própria excepcionalidade: casos-limite informam mal sobre o funcionamento ordinário do mecanismo. Mais instrutivo, nesse aspecto, é o resultado experimental de Milgram (1974), que mostrou disposição à obediência destrutiva em sujeitos comuns, sem vínculo grupal prévio e sob autoridade meramente situacional — indicando que a delegação do juízo não exige nem carisma excepcional nem coesão prolongada.

## 6 O contraponto: liderança como abertura

O campo da comunicação produziu, no mesmo período em que as redes digitais reorganizaram a formação de agrupamentos, um modelo de liderança comunitária que convém examinar por contraste. Godin (2013) define tribo como conjunto de pessoas ligadas a uma ideia, umas às outras e a uma liderança, sem determinação geográfica e com a comunicação recíproca como requisito. O líder, nessa formulação, é aquele que desafia o estabelecido, propõe mudança e mobiliza — figura que o autor aproxima deliberadamente do herege.

A oposição com Freud é aparente e merece ser desfeita. Godin não descreve um mecanismo psíquico distinto; descreve um arranjo em que o mesmo mecanismo opera sob restrições diferentes. A tribo pressupõe comunicação bidirecional, o que significa que a figura central não detém o monopólio da enunciação; pressupõe pluralidade de pertencas, já que participar de uma tribo não exige abandonar as demais; e pressupõe saída sem custo, porque o vínculo não se sustenta em dependência material ou afetiva exclusiva. Sob essas três condições, a identificação com a figu-

ra de liderança não produz delegação do juízo, porque o grupo dispõe de meios internos de contestação.

A divergência quanto ao conservadorismo da massa resolve-se pelo mesmo caminho. Freud descreve a aversão à novidade como traço da massa organizada em torno de um ideal encarnado, no qual qualquer mudança ameaça a figura que o sustenta; Godin descreve agrupamentos organizados em torno de um projeto, nos quais a mudança é o próprio conteúdo do laço. São objetos distintos, não teses contraditórias sobre o mesmo objeto. O otimismo da formulação tem, porém, limite reconhecível: ambientes digitais produzem com facilidade a homogeneidade informacional que a teoria freudiana identifica como favorável à suspensão do juízo, e a reversibilidade formal da saída de uma comunidade em rede não equivale, na experiência dos sujeitos, à reversibilidade efetiva.

A comparação permite, assim, estabelecer um critério. A diferença entre o laço que amplia o sujeito e o que o reduz não está na existência de uma figura de liderança, nem na intensidade do investimento, nem na idealização — inerente, em alguma medida, a qualquer vínculo eletivo. Está na manutenção de três condições: contestar sem perder o lugar, conservar pertencas alternativas e poder sair. Onde as três se preservam, a identificação enriquece o eu; onde se perdem, o eu é substituído.

## 7 Considerações finais

O exame realizado permite três conclusões de alcance distinto.

A primeira diz respeito ao estatuto do fenômeno. A adesão acrítica a uma figura de liderança não resulta de déficit individual, mas de propriedade estrutural do psiquismo descrita por Freud em 1921: a possibilidade de que o ideal do eu seja deslocado para um objeto externo e compartilhado. Essa possibilidade é a mesma que torna viáveis a educação, a transmissão e qualquer vínculo que transforme o sujeito. Não há como eliminá-la sem eliminar o que nela é fecundo, o que desloca a questão da prevenção para o terreno das condições em que o deslocamento ocorre.

A segunda diz respeito ao critério de distinção. A tentativa de separar grupos legítimos de grupos nocivos pelo conteúdo das crenças é inviável, além de epistemologicamente inadequada: não cabe à psicanálise arbitrar sobre a verdade de doutrinas. O critério sustentável é formal e incide sobre a estrutura do vínculo — delegação do juízo, exclusividade da pertença, custo da saída. Essa formulação tem a vantagem de ser aplicável independentemente

do campo em que o grupo se organize, o que é relevante num momento em que configurações análogas se produzem fora do âmbito religioso, em contextos políticos, terapêuticos e comerciais.

A terceira diz respeito aos limites do que foi estabelecido. O quadro proposto é construção conceitual derivada de literatura teórica e de estudos qualitativos: não foi submetido a validação empírica, não possui propriedades psicométricas e não se presta a aplicação individual. Sua função é organizar a discussão, não fundamentar juízo sobre casos. Traduzi-lo em instrumento verificável exigiria trabalho de outra ordem — agenda legítima, mas distinta da que este artigo cumpre.

Resta uma observação de ordem clínica. O sujeito que se desliga de um grupo de adesão total não recupera simplesmente uma autonomia que teria sido suspensa. Perde, com o vínculo, a estrutura que organizava seu ideal, sua rede afetiva e, frequentemente, sua narrativa de si. A escuta desse momento exige reconhecer que o que se dissolveu não foi um engano, mas um laço — e que o trabalho consiste menos em demonstrar o erro do que em sustentar a reconstrução de um ideal do eu que o sujeito possa novamente habitar como próprio.

## Declarações

**Conflito de interesses.** A autora declara não haver conflito de interesses.

**Financiamento.** A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

**Uso de inteligência artificial.** Não foi utilizada inteligência artificial generativa na concepção, na redação ou na análise do conteúdo deste artigo.

**Disponibilidade de dados.** Não se aplica: trata-se de revisão de literatura, sem produção de dados primários.

**Nota editorial.** Este artigo integra o acervo reorganizado dos volumes 1 a 3 da Interapia. O texto foi editorialmente adequado às normas vigentes da revista quanto a estrutura, registro e normalização de referências, sem alteração de tese, argumento ou atribuição de autoria.

## Referências

ADORNO, T. W. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: *Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 155-191.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, v. 117, n. 3, p. 497-529, 1995.

ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 13-191.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 17-75.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 79-154.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 13-71.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. p. 73-148.

GALANTER, M. *Cults: faith, healing, and coercion*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1999.

GODIN, S. *Tribos: nós precisamos que você nos lidere*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2013.

KAHN, M. *Freud básico: pensamentos psicanalíticos para o século XXI*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE BON, G. *Psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LIFTON, R. J. *Thought reform and the psychology of totalism: a study of brainwashing in China*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989.

MASLOW, A. H. *Motivation and personality*. New York: Harper & Row, 1954.

MILGRAM, S. *Obedience to authority: an experimental view*. New York: Harper & Row, 1974.

## COMO CITAR

PENTEADO, L. M. Psicologia das massas e liderança carismática: identificação, ideal do eu e a renúncia à singularidade em grupos de adesão total. *Interapia — Revista de Clínica, Cultura e Ciências Mentais*, v. 2, n. 1, p. 48-54, 2024.

## LICENÇA

Publicado em acesso aberto sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. O autor mantém os direitos sobre a obra e concede à revista o direito de primeira publicação.